



INSTITUTO DO AÇÚCAR E DO ALCOOL

Rio de Janeiro, D. F.

Belo Horizonte, 28 de Julho de 1941.

Caro Mestre.

Tenho vivido em intimo contato com as populações rurais mineiras. Em todos os nucleos vejo a mesma coisa: miséria. No que se refere á natalidade, conforme seu desejo, ando colhendo interessantes dados e por ocasião da minha chegada conversarei com o senhor. Assistí uma palestra do Prof. Lambert, lente de sociologia da Faculdade de Filosofia do Rio, justamente a respeito do problema da natalidade. Acha o ilustre francês, e parece estar certo, que nos campos o indice de natalidade é maior que na cidade. Em Viçosa, procurei o Dr. Griffing, infelizmente não o encontrei. O autor daquela admirável trabalho publicado na Revista de Sociologia, acha-se nos Estados Unidos. Sôbre o padrão de vida do trabalhador rural mineiro guardo - até aqui - pessima impressão. Na zona da Mata, a mais próspera e a mais rica do Estado, o que me foi dado observar causou-me tristeza. Além de morar em verdadeiras pocilgas, os homens rurais da referida zona alimentam-se tao mal, tão ineficientemente que, confesso ao senhor, não sei como resistem. Consomem rapadura em alta escala. Estive lembrando uma conversa nossa, conversa na qual o senhor fixou uma zona da rapadura e outra do caldo de cana. Suas observações não falham nunca. Todas suas ideias confirmam-se.

No momento em que escrevo esta, estou aguardando o trem da Rêde Mineira Viação, que me levará ao sul. Os nucleos rurais do sul de Minas em nada diferem dos outros. Assim ouço dizer. Penso, entretanto, poder determinar algumas diferenciações, pelo menos no que diz respeito á predominância étnica. Na Mata, centro e sertão, os pretos aparecem em grande número. O mais interessante é que é a massa rural é constituída em 99,9 % de locais.

Outras coisas falarei quando da minha chegada. Por hoje desejo abraçar o querido mestre, pedindo também recomendar-me á D. Cenira e á D. Emerita.

Até muito breve.

Do discipulo amigo

*Vouza*